

REFLEXÕES SOBRE O CUIDAR DE MULHERES QUE SOFREM VIOLÊNCIA CONJUGAL EM UMA PERSPECTIVA HEIDEGGERIANA DO MUNDO DA TÉCNICA*

REFLEXIONS ABOUT CARE OF WOMEN THAT SUFFER CONJUGAL VIOLENCE IN A HEIDEGGER'S PERSPECTIVE OF THE WORLD OF TECHNIQUE

REFLEXIONES ACERCA DEL CUIDAR A MUJERES QUE SUFREN VIOLENCIA CONYUGAL EN UNA PERSPECTIVA HEIDEGGERIANA DEL MUNDO DE LA TÉCNICA

Maria Suely Medeiros Corrêa**
Regina Lúcia Mendonça Lopes***
Normélia Maria Freire Diniz****

Corrêa MSM, Lopes RLM, Diniz NMF. Reflexões sobre o cuidar de mulheres que sofrem violência conjugal em uma perspectiva heideggeriana do mundo da técnica. Rev Esc Enferm USP 2001; 35(3):230-4.

RESUMO

Trata-se de um texto reflexivo que aborda a questão do cuidado a mulheres que sofrem violência conjugal em uma perspectiva analítica do mundo da técnica, desenvolvido a partir de concepções e conceitos de Martin Heidegger, filósofo contemporâneo da fenomenologia. O cuidar de mulheres em situação de violência conjugal surge como envolvendo valores, decisão, confiança para cuidar, conhecimento e ações de cuidado e suas conseqüências.

PALAVRAS -CHAVE: Violência. Saúde da mulher. Cuidado. Fenomenologia.

ABSTRACT

This is concerned with a reflexive text that approaches the subject of the care to women that suffer conjugal violence in an analytic perspective of the world of the technique, developed from conceptions and concepts of Martin Heidegger, contemporary philosopher of phenomenology. The care of women that suffer conjugal violence appears as one that considers values, decision, trust to care, knowledge and care actions and its consequences.

KEYWORDS: Violence. Woman's health. Care. Phenomenology.

RESUMEN

Se trata de un texto reflexivo que aborda la cuestión del cuidado a mujeres que sufren violencia conyugal en una perspectiva analítica del mundo de la técnica, desarrollado a partir de concepciones y conceptos de Martin Heidegger, filósofo contemporáneo de la fenomenología. El cuidar a mujeres en situación de violencia conyugal surge como envolviendo valores, decisión, confianza para cuidar, conocimiento y acciones de cuidada y sus consecuencias.

PALABRAS-CLAVE: Violencia. Salud de la mujer. Cuidado. Fenomenologia.

-
- * Trabalho apresentado na Disciplina "Tópicos Especiais", desenvolvida sob o tema *Martin Heidegger e o Homem na Contemporaneidade*, oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Departamento de Filosofia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), no segundo semestre de 1999. Prof. Responsável Nancy Mangabeiras Unger.
- ** Prof. Auxiliar C1N2 da Faculdade de Enfermagem Nossa Senhora das Graças da Universidade de Pernambuco. Enfermeira da Maternidade Prof. Barros Lima (PE). Mestre em Enfermagem - UFBA.
- *** Prof. Titular do Departamento de Enfermagem Comunitária da Escola de Enfermagem da UFBA. Dr.ª em Enfermagem - UFRJ. Pesquisadora do Grupo de Estudos sobre a Mulher (GEM-EEUFBA). E-mail: reginalml@cpunet.com.br
- **** Prof. Adjunta I do Departamento de Enfermagem Comunitária da EEUFBA. Dr.ª em Enfermagem -- EPM. Coordenadora do Grupo de Estudos sobre a Mulher (GEM -EEUFBA). E-mail: normeliadiniz@bol.com.br

INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher atinge mais de um quarto da população feminina do planeta, sendo a mais perversa manifestação de poder e de desigualdade entre os sexos em nossa sociedade.⁽¹⁾

Na última década, a violência conjugal vem sendo discutida com mais intensidade, tanto por organizações internacionais como por nacionais, devido às repercussões negativas que vem causando na qualidade de vida das mulheres, principalmente no tocante a saúde. Neste contexto, devido às significativas taxas de morbidade e mortalidade femininas relativas a causas diretas e indiretas deste fenômeno, foi considerada como um problema de saúde pública.⁽²⁾

Tal temática vem despertando interesse de organismos internacionais, como a Organização Mundial de Saúde (OMS) e a Organização Pan-Americana de Saúde (OPS), assim como de serviços de saúde, das associações profissionais e do movimento feminista. O interesse se deve ao fato de que este fenômeno está associado a um maior risco para diversos agravos à saúde física e mental das mulheres, tendo como conseqüência um aumento na busca dos serviços de saúde.

A introdução da violência contra mulher como tema de saúde gera vários problemas, dentre eles, os decorrentes das conseqüências práticas da medicalização. Guiados por essa prática, os profissionais de saúde têm a tendência a considerar as pacientes como doenças ou como riscos de adoecimento.⁽³⁾

Os debates das organizações giram, entre outros temas, em torno da diminuição da violência contra as mulheres, da defesa dos direitos humanos, assim como, da capacitação dos profissionais de saúde para cuidar das vítimas de violência.

No que se refere ao modelo de cuidar, este é pontuado no paradigma biomédico, que se encontra alicerçado nos princípios do mundo da técnica, na qual o ser humano é tratado como um objeto, a proximidade torna-se algo distante e o cuidado passa a ser valorizado pelo seu teor técnico.

Neste sentido, o presente artigo é resultado de uma preocupação advinda deste modo de cuidar, no que se refere, especificamente, ao mundo da técnica e sua influência no cuidar de mulheres que sofrem violência conjugal, a partir da concepção filosófica de Martin Heidegger.

Objetivamos refletir sobre o modo de cuidar, apontando para a possibilidade de ser-com de uma maneira autêntica, numa relação de preocupação, de solicitude, guiada pela consideração e pela tolerância. Ter consideração, no pensar heideggeriano, indica uma maneira de aceitar tensões, limites e

características das situações e dos modos de ser, enquanto que ter tolerância ou paciência pressupõe uma expectativa de algo que possa vir a ocorrer.⁽⁴⁾

REFLEXÕES ACERCA DO MODELO BIOMÉDICO E DO CUIDAR

Apesar das contribuições que o mundo da técnica vem trazendo para a humanidade, com os sempre renovados avanços tecnológicos, destaca-se aqui que esse mundo gera um modo de ser que impõe uma visão unidirecional e, nesta perspectiva, o cuidar do outro também sofre essa influência.

O modelo biomédico, que tem suas bases nas ciências naturais é, portanto, pautado na racionalidade científica. Nesse tipo de conhecimento científico, conhecer, em primeiro lugar, significa quantificar e, portanto, o que não é quantificável é cientificamente irrelevante.⁽⁵⁾ Em segundo lugar, implica em dividir e classificar para poder, assim, determinar relações sistemáticas entre as partes. Sob essa perspectiva, o profissional de saúde vê o ser humano fragmentado, não o percebendo em uma visão holística e a ele destinando um cuidar sistemático.

Nesse sentido, o cuidado à mulher que sofre violência conjugal está, muitas vezes, envolto no mundo no qual o que é valorizado é o que é técnico. Cuidado este que é racional, causal e distante, e que é sinônimo de instrumentação, conjunto de procedimentos, de meios e modos de fazer. Contudo, se observa que esse sentido que lhe atribuído é o vigente, não só em atividades próprias à área da saúde, mas em quaisquer outras atividades humanas. Assim, percebe-se que a influência da técnica no pensamento e no agir humano encontra-se baseada segundo Heidegger, num pensamento totalitário: a razão tecnológica.

Em uma crítica ao cultivo do tipo de razão acima apresentado, razão esta que nos leva a definir, de uma maneira orgulhosa, a presente era como tecnológica, é afirmado que esse tipo de cultura científica determina a forma e o ritmo da própria vida humana que hoje levamos, adjetivada de rasteira, acelerada e utilitarística.⁽⁶⁾ Tal situação não nos tem dado tempo e nem sinalizado para alternativas que nos conduzam a pensar a realidade, bem como a existência em outras dimensões que não seja a tecnológica.

Dessa forma, o ser humano absorve esse modo de ser e existir, situação em que, muitas das vezes, não se dá conta. O perigo de se viver segundo o modo de ser da técnica é o de desenvolver-se uma percepção e compreensão limitada sobre as coisas, o outro e o mundo, porque ela impõe o recolhimento apenas unidirecional da visão, o que nos leva a considerar esse modo de ser como hegemônico em face da superficialidade atribuída aos demais.

Para Heidegger, esse modo de ser nos afasta da possibilidade de percebermos a essência da técnica, porque esta essência não é de modo algum algo técnico, pois, antes de ser apreendida como meio ou instrumento, é um modo de desvelamento, isto é, uma forma de mostrar a verdade.

Baseado nesta afirmativa heideggeriana, é ressaltado que essa essência mostra relação com um saber técnico que abre o acesso adequado às coisas ou o modo de ser das próprias coisas, isto é, é um modo de desvelamento da técnica. (7) Não guarda relação apenas como um meio para um fim e um fazer humano. Essas duas concepções correntes sobre a técnica são denominadas por Heidegger de determinação instrumental da técnica. Portanto, a técnica moderna é compreendida como um meio para fins.

Nesse entendimento, o ser humano acha que para chegar a essência da técnica é necessário dominá-la e esse tipo de pensamento leva-o a crer que uma correta relação com a técnica só se estabelece se esta está baseada numa concepção instrumental. Segundo Heidegger, o querer dominar se torna tão mais iminente quanto mais a técnica ameaça escapar do nosso domínio. "*O mais triste é estarmos entregues à técnica quando consideramos como algo neutro; pois essa representação, à qual hoje em dia especialmente se adora prestar homenagem, nos torna completamente cegos perante a essência da técnica*". (8)

Nesse modo de cuidar, deve prevalecer um relacionamento interpessoal de forma autêntica. Um cuidar que não se antepõe sobre o outro para dominar, mas sim, que zela, que é solícito, que tem consideração com o outro e que conduz ao estabelecimento de uma relação de proximidade.

Quando anteriormente é destacada a proximidade, tal referência não se limita apenas ao sentido da espacialidade, porque muitas vezes o profissional de saúde está fisicamente próximo da paciente, mas distante das suas reais necessidades. Tomando como situação a mulher que sofre violência conjugal, a proximidade lhe é muito importante, porque proporciona o desabrochar de seus desejos, medos, sentimentos, angústias e possibilidades. Deve servir de fio condutor para que ela se perceba na situação de violência, e a partir daí, possa vir a fortalecer-se na sua autodeterminação para se posicionar ante os problemas.

Sobre esse modo de ser da proximidade descrito acima, observa-se que "*... a supressão de toda distância não traz nenhuma proximidade, pois esta não consiste na pouca extensão de distância. Pequena distância ainda não é proximidade. Grande distância ainda não é lonjura*". (9)

No nosso tempo, em que tudo ou quase tudo é computadorizado, a distância se tornou algo efêmero, mas apesar da redução ou mesmo da eliminação da

distância entre os seres humanos, a proximidade permanece ausente. Tal situação se agrava quando pensamos no cuidado prestado pelos profissionais de saúde.

A situação de afastamento foi encontrada nos resultados da investigação de abordagem fenomenológica, que teve como objeto a vivência de mulheres em situação de violência conjugal.⁽¹⁰⁾ O afastamento foi expresso em depoimentos, dentre os quais se destaca o de uma mulher que relatou ter buscado vários especialistas para tratar de sua alergia, quando na verdade, o seu problema de saúde era uma das conseqüências da relação marital violenta em que estava envolvida.

No estudo acima referido, os profissionais de saúde, representados fortemente pela figura do médico, estão presos a um saber que é exato, na qual o conhecimento técnico é sempre um re-conhecimento da normalidade que se constituem as queixas das mulheres, e tal limitação os leva a identificar sinais e sintomas inespecíficos, sem relacioná-las a violência conjugal.

O comportamento profissional que emergiu das falas revelou que a proximidade não existiu, prevalecendo os conhecimentos científicos que possibilitaram o cuidar de uma doença, mas não o cuidar do ser humano. Nesta relação de considerá-la como um ente simplesmente dado, o atendimento em vez de proporcionar-lhe melhora na sua auto-estima, conduziu, muitas vezes, a sua anulação no tocante às possibilidades de ser diante desse fenômeno. Tais situações suprimem a possibilidade de ser o atendimento um momento de desvelamento de cada um, cliente e profissional de saúde.

No que se refere às mulheres que sofrem violência conjugal, pela complexidade das relações existentes, nestes casos não existe um modelo estabelecido de cuidar de mulheres nesta circunstância. A construção desta relação de cuidado é feita na medida em que a mulher permite falar sobre si própria. A partir daí, há a possibilidade de uma auto-reflexão. Com o estímulo do profissional, gradativamente o foco da questão é, no primeiro momento, deslocado do agressor para a própria mulher, com a expressão do que ela própria pensa sobre a situação por ela vivenciada. A idéia que norteia este momento é a de silêncio sobre o agressor.

Dentre as técnicas que possibilitam a expressão de sentimentos pela mulher, destaca-se a de respiração, associando a respiração consciente à bioenergética." Quanto à respiração não consciente, está leva a um intercâmbio entre o corpo muscular e a temperatura, permitindo o estabelecimento de um diálogo pessoal. Se realizada junto com profissional, favorece a comunhão entre os envolvidos. Na nossa experiência como enfermeiras na área de assistência à saúde da

mulher, no cotidiano do cuidar temos nos deparado com a freqüente presença da violência, independente do motivo que a leva a buscar o serviço de saúde. Durante o atendimento temos valorizado o uso de práticas alternativas, utilizando a respiração; a massagem, principalmente em parturientes; o relaxamento; e a expressão verbal, escrita ou por meio de desenhos, técnicas que favorecem a verbalização de seus sentimentos e a nossa relação com a clientela.

Para cuidar não é suficiente ouvir. É necessário escutar contemplativamente, isto é, estar aberto para fazê-lo de maneira verdadeira e sem julgamento. Neste sentido, o cuidar reveste-se de liberdade dada ao outro, proporcionando-lhe a possibilidade de ser diante da situação apresentada.

O profissional de saúde envolto no mundo da tecnologia, da produção, na qual o saber é instrumento de dominação, apropriação e controle do outro, perdeu a capacidade de valorizar as questões subjetivas do ser humano, assim como, de se admirar com o simples. Quando perdemos essa capacidade, adquirimos "um *coração máquina*", um coração duro, enrijecido, porque tudo fica submetido à pré-visão desse saber, que tudo abarca e domina, e, sendo assim, essa visão enrijecida sobre as coisas e o outro comanda o olhar. ⁽⁷⁾ Nessa compreensão, o sentido verdadeiro do cuidar também se encontra comprometido, pois ele pode se esquivar, se retrair, se perder, se transviar, se extraviar.

Para se buscar esse cuidar que se extraviou, é necessário o resgate da capacidade de admirar o simples, ou seja, "*o puro singelo*".⁽⁷⁾ Mas como conseguir olhar as coisas, o outro e mundo na busca do puro singelo? Para tal, além de ser necessário o despojamento de preconceitos e juízos de valores, é necessário também se permitir olhar e tocar, dando vazão a sentimentos. E no sentimento (*pathos*) que se encontra a centralidade do cuidar, e não na razão (*logos*).⁽¹²⁾

Segundo esse autor, construímos o mundo a partir de laços afetivos, pois são eles que tornam as pessoas e as situações preciosas. Daí se evidencia que o modo de cuidar, que tem como base os sentimentos, nos torna sensíveis ao que está à nossa volta, nos faz gostar ou desgostar. São os sentimentos que nos une às coisas e nos envolve com as pessoas. Também são eles, que produzem encantamento em face da grandeza da natureza e o enternecimento diante da fragilidade de um recém-nascido.⁽¹²⁾

Nessa perspectiva, se compreende que a mulher que sofre violência conjugal precisa de um cuidar que demonstre ternura, respeito, dedicação, liberdade de expressão, valorização da sua fala, dos gestos, do silêncio e dos seus sentimentos. Trabalhar com este problema requer preparo. E observado, no entanto,

que boa parte dos profissionais de saúde não está capacitada para este tipo de cuidar, e nem tão pouco para atender este tipo de clientela. Talvez, aproximar-se destas situações incomode e lhes seja difícil, pois a violência conjugal diz respeito ao espaço domiciliar.

Esse espaço é protegido pelo silêncio, levando dessa maneira, as mulheres a estarem expostas a ocorrência de violência doméstica e ao estupro, situações sistematicamente ocultadas e negadas. O lar, na construção feminina, seria o espaço compartilhado do amor, baseado nos princípios do amor romântico. Mas é exatamente o local onde ocorrem, com maior e trágica intensidade, o desamor, a ameaça à integridade física e emocional das mulheres. Aquelas que deveriam ser paredes protetoras desse espaço atuam como muros do medo.⁽¹⁰⁾

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir esta reflexão sobre o cuidar da mulher que sofre violência conjugal na perspectiva analítica do mundo da técnica, em que os profissionais de saúde se encontram envolvidos no cotidiano assistencial, ressaltamos que o importante é estarmos atento para não sermos escravizados por este modo de ser da técnica, nos deixando envolver pela dureza e frieza próprias desse mundo que impõe apenas uma interpretação da realidade.

Para Heidegger, na cotidianidade é como o humano se mostra "antes de tudo" e "na maioria das vezes", nas situações que envolvem o mundo circundante (mais próximo ou doméstico), o mundo humano (da convivência com as demais presenças) e o mundo próprio (relação do indivíduo consigo mesmo).⁽⁴⁾

Todavia, não cabe retirar o valor que a técnica trouxe e traz para a humanidade, mas chamar a atenção que, na cotidianidade viver no modo de ser da técnica faz o ser humano perder o sentido verdadeiro da palavra proximidade, assim como, também, negar a existência do cuidado autêntico. Tal negação leva o ser humano a um processo de desumanização e de embrutecimento das relações.

Sendo o principal compromisso dos profissionais de saúde o de cuidar do outro no modo de ser da preocupação, é necessário que o façamos a partir do desafio permanente de sair da existência inautêntica, buscando assumir um poder-ser autêntico nas possibilidades que o atendimento oferece. Isso significa assumir uma atitude compreendendo que o cuidar do outro faz parte da constituição humana.⁽¹²⁾

Nesse sentido, considera-se que "*o cuidado significa um fenômeno ontológico' existencial básico*"⁽¹³⁾, isto é, a base possibilitadora da existência

* O termo é relativo a "... *essência, a identidade profunda, a natureza de um ser, como por exemplo, o cuidado essencial com referência ao ser humano*". (Boff, 1999, p.197).

humana. Partindo dessa concepção, ressalta-se que o cuidado deva estar presente em tudo, e colocá-lo dessa forma significa, *"conceder direito de cidadania a nossa capacidade de sentir o outro, de ter compaixão com todos os seres que sofrem, humanos e não humanos, de obedecer a mais a lógica do coração, do que a lógica da conquista e do uso utilitário das coisas"*.⁽¹²⁾

Ao observarmos o mundo apenas pelas lentes da tecnologia, excluimos a possibilidade de reconhecer o seu esplendor. Entretanto, quando vemos o mundo em termos de cuidado mais do que com a atitude tecnológica, reconhecemos que todos os entes estão numa condição de inter-relacionamento.⁽¹⁴⁾

O cuidado de enfermagem é terapêutico e humano, e, portanto, sua operacionalização ocorre numa relação de ajuda terapêutica ou de educação para a saúde.⁽¹⁵⁾

As autoras acima, citando Boff afirmam, ainda que quando alguém tem importância para mim o cuidado acontece.

Neste sentido, o cuidar de mulheres em situação de violência conjugal envolve valores, decisão e confiança para cuidar, conhecimento, ações de cuidado e suas conseqüências.

Para finalizar, nos apropriamos de uma oportuna frase que expressa um momento de reflexão de Heidegger, na qual o pensador assevera que *"esquecer a mais importante característica de nossa existência tem custado ao homem um alto preço, o preço de um mundo dominado pela atitude tecnológica"*.⁽¹⁴⁾

- (8) Heidegger M. A questão da técnica. São Paulo: Cadernos de Tradução; 1997a; 2:40-93.
- (9) Heidegger M. A coisa. [texto xerocopiado apresentado na Disciplina Tópicos Especiais. Do Mestrado em Filosofia da UFBA]. Salvador; 1999.
- (10) Corrêa MSM. Vivência de mulheres em condição de violência conjugal. [dissertação] Salvador (BA): Escola de Enfermagem da UFBA; 2000.
- (11) Saraiva B. Violência contra a mulher: um novo olhar. Santos: Casa de Cultura da Mulher Negra; 2001.
- (12) Boff L. Saber cuidar: ética do humano com paixão pela terra. 2 ed. Petrópolis: Vozes; 1999.
- (13) Heidegger M. Ser e tempo. Parte I. 6 ed. Petrópolis: Vozes; 1977b.
- (14) Lemay E, Pitts J. Heidegger for beginners. New York: Writers and Readers; 1994.
- (15) Silva LF, Gurgel AH, Carvalho ZMF, Moreira RVO. Cuidado como essência humana em Martin Heidegger e a Enfermagem. In: Moreira RVO, Barreto JAE. A outra margem: filosofia, teorias de enfermagem e cuidado humano. Fortaleza: Casa José de Alencar; 2001. p. 27 a 49

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) Ministério das Relações Exteriores (BR). Relatório geral sobre a mulher na sociedade brasileira. Brasília (DF), 1994.
- (2) Organização Pan-americana de Saúde (EUA). Resolución XIX: salud y violencia. Washington (DC); 1993.
- (3) D'Oliveira AFL, Schraiber LL. Violência de gênero como uma questão de saúde: a importância da formação de profissionais. Jornal da Rede Saúde 1999; 19:3-4.
- (4) Lopes RLM. Prevenindo o câncer cérvico-uterino: um estudo fenomenológico sob a ótica da mulher. Salvador: UTRAGraph; 1999.
- (5) Santos BY. Um discurso sobre a ciência. 9 ed. Porto: Afrontamento; 1997.
- (6) Leão EC. Aprendendo a pensar. 4 ed. Petrópolis: Vozes; 1977. v1
- (7) Fogel G. Da solidão perfeita: escritos de filosofia. Petrópolis: Vozes; 1999.

Artigo recebido em 18/04/00

Artigo aprovado em 30/11/01